

EDITORIAL

PRELÚDIO LENTO, EM DÓ MAIOR

Baixo e franzino, o seu ar humilde tornava-o despercebido e acentuava-se na forma reverente como olhava os médicos, as enfermeiras e os serventes. O seu problema era, antes de tudo, o desencontro com o meio, perdido de amparo e de segurança desde que acidente brutal o arrancara à planície imensa, onde as suas raízes familiares e os seus hábitos tradicionais estavam confinados.

Entrado para aquele Hospital do interior, grande casa-rão que abrigava um clima rotineiro de orgânicas e métodos de vivência, fôra parar a uma das nuas e grandes enfermarias, de forma rápida e impessoal. A dor física alheara-o da despedida dos seus, do transporte incômodo e das formalidades que tinham trazido até aquela cama de uma enfermaria pejada de doentes e onde se sentia abandonado. Agora, mais o afligia o desconhecimento de tudo e de todos, sozinho num meio estranho, onde a dor de cada um isolava os contatos e aos recém-vindos mais dificilmente chegava o calor humano da fraternidade no sofrimento. Perdido no impessoalismo em que o tinha colocado o número daquele leito em que se encontrava deitado, sentia-se um "27" naufragado de afetos e de compreensão, no meio dos gestos suaves e frios, corretos e técnicos, dos homens desconhecidos que lhe minoravam os incômodos e lhe tratavam o corpo.

Seria operado na manhã seguinte. O aviso surgiu numa frase curta e profissional que a enfermeira lhe dissera ao fazer a rapação e o penso: — Estás marcado para amanhã porque o teu caso é urgente. Agora já não comes nem bebes. "Marcado" Ele só conhecia essa palavra de quando o gado vinha até junto ao "monte", em rumorosa manada, para um ato de posse que um fumo ligeiro de carne crestada sublinhava. Então um frio interior invadiu-o e ali estava vigilante e em sobressalto, na noite que não acabava nunca. O desejo de fazer mil perguntas, de saber o depois e o depois de cada hora, era quase obsessivo e cobria o silêncio de vozes sumi-

AP2606

das, de respirações incoordenadas e dos gemidos do doente da cama em frente, operado essa manhã. Um riso abafado veio do corredor distante e foi uma nota de alerta naquela noite densa e interminável.

O cutro, o que estava sofrendo as dores da operação já realizada, soltou um grito vivo que veio quebrar o início do seu sono feito de labuta e de cansaço. A luz difusa e baça foi rasgada pela lâmpada potente que a enfermeira de vela acendeu. Lá em frente, o diálogo foi murmurado e o guincho de uma cama mobilizada seguiu-se a um discreto ruído de vidros que se entrechocavam e ao som da palma da seca que ele já conhecia marcar injeção.

Um louco desejo de saber as horas, de conhecer o destino de sua perna triturada pela maldita máquina que em maldita hora, o agarrara com um monstro, quase o fêz gritar para que lhe dissessem e lhe falassem.

Mas a luz apagou-se e o silêncio, feito de mil ruídos, veio outra vez, tornar-lhe as pálpebras pesadas e carregar-lhe o cansaço daquela luta que ninguém sentia. Por momentos, voltava a ver searas que se perdiam no horizonte e a mulher vinha até ele, trazendo o capuz onde a merenda fumegava.

Acordou de súbito, com uma chapada de luz nos olhos e o ataque de tosse, barulhento e doloroso, do vizinho do lado. O servente já rodava o carro onde as canecas de café e do leite se juntavam aos pratos para pão e os reforços. Os doentes não acamados iam e vinham, nos primeiros arranjos matinais.

E a sua operação como ocorreria?

HUGO GOMES



II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ANESTESIOLOGIA
organização da
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANESTESIOLOGIA

(Seção da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa)
 sob o patrocínio da

Federação dos Sociedades de Anestesiologia dos
 Povos da Língua Portuguesa

LISBÔA (ESTORIL) — 1-4 de setembro de 1968